

Apresentação

A última edição de 2020 da Revista Intexto abre com uma entrevista sobre as potencialidades da semiótica em suas interfaces com a comunicação, o design, as tecnologias da inteligência, a biologia e outras disciplinas. Uma das principais divulgadoras do pensamento semiótico no Brasil, Lúcia Santaella avalia, nesta entrevista, algumas de suas obras mais importantes e aborda o vínculo entre semiótica e política, por ela explorado desde seus primeiros livros até os mais recentes.

O primeiro artigo desta edição parte do estudo do conhecido “pôr-do-sol na Praia do Jacaré”, ao som do Bolero, de Ravel - invenção do músico conhecido como Jurandy do Sax, para abordar as formas de apropriação da obra musical, transformada em objeto de consumo turístico. Neste texto, intitulado Jurandy surfa sobre um Jacaré tocando o bolero de Ravel, a autora, Heloísa de Araújo Duarte Valente, analisa o processo de movência da obra de Ravel, a partir de distintas formas de apropriação, performance e concepções estéticas. Ainda no campo da intersecção entre comunicação e música, Aline Gabrielle Renner e Marcelo Bergamin Conter analisam movimentos de busca por sentido nas letras da banda escocesa Cocteau Twins, efetuadas por fãs na internet. No artigo Pink orange red: interpretação, sentido e presença nas canções de Cocteau Twins, os autores propõem pensar o método de composição da vocalista Elizabeth Fraser à luz da noção de “produção de presença”, de Hans Ulrich Gumbrecht..

Dando sequência aos artigos deste número da Intexto, “A memória é uma ilha de edição”: notas para pensar os modos de produção e circulação de imagens a partir da hashtag #tbt no Instagram questiona de que modo operam os regimes de visibilidade de si na publicação de imagens de eventos em plataformas de redes sociodigitais. Para isso, as autoras, Cândida Maria Nobre de Almeida Moraes e Maria das Graças Pinto Coelho, refletem sobre a prática no Instagram do uso da hashtag #tbt – do inglês throwback Thursday, em referência a momentos e contextos passados que voltam a circular na galeria.

O cinema entra em debate no artigo de Leda Tenório da Motta e Marcelo dos Santos Matos, intitulado A crueldade e o erotismo sacroprofanos na trilogia da depressão de Lars von Trier, no qual os autores analisam a obra do diretor dinamarquês. Ao eleger como objeto de estudo três filmes do cineasta, os pesquisadores analisam aspectos recorrentes da filmografia de von Trier, como a função do prólogo, a comunhão das personagens com a natureza e a violência das relações. Passando ao cinema nacional, Talita Souza Magnolo, Ramsés Albertoni Barbosa e Christina Ferraz Musse investigam o desempenho da Censura Federal, no Brasil, desde a época da Colônia até a década de 1960, no artigo Censores em transe: análise do processo de censura do filme Terra em transe. O estudo analisa documentos que a Censura produziu, a partir dos pareceres dos censores, para atuar como guardião da ditadura, da Igreja Católica, dos poderes constituídos e da moral vigente.

Sexto artigo desta edição, Instantes Mágicos de Ingmar Bergman constitui um estudo sobre o pensamento cinematográfico do diretor sueco, ao analisar criticamente duas de suas 1 Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. x, p. 0-0, mês 2019. Título do artigo obras clássicas, O Sétimo Selo (1956) e Persona (1965). O autor do texto, Atilio Avancini, apresenta o pensamento do cineasta baseado em questões existenciais e na dualidade vida-morte e realidade-ficção. Outro cineasta europeu seminal é objeto de análise em Ateu graças a deus: a crítica ao sacerdócio no cinema de Luis Buñuel, de Rogério Ferrarraz. Aqui, o autor investiga como a filmografia de Buñuel lida com a devoção de protagonistas no exercício de algum grau do sacerdócio, especialmente o cristão. A partir dos conceitos de surrealismo e suas estratégias na construção audiovisual da desarticulação racional, três filmes com protagonistas sacerdotais são analisados, em termos de quanto eles se alinham ou diferem daqueles atributos do movimento surrealista.

Ainda sobre audiovisual, a importância do encontro amoroso para narrativas de amor no cinema é discutida por Carolina Oliveira do Amaral, no artigo Do encontro à duração: amor e a trilogia Antes do amanhecer, Antes do pôr do sol e Antes da meia-noite, que dissecam a trilogia do diretor norte-americano Richard Linklater. Neste estudo, a autora aborda o “apaixonar-se” em sua mística cinematográfica e a ideia de “duração” que fixa o “encontro” num tempo, como sugere Badiou (2013). Já em Mundivisão proletária no cinema dos grupos Medvedkine, Leonardo Gomes Esteves investiga a safra inicial de filmes dos grupos criados em Besançon e Sochaux nos entornos de 68 e compostos por operários. Na análise, o autor emprega uma “mundivisão proletária”, tal como trazida pelo filósofo Herbert Marcuse em sua obra no início dos anos 1970, e pretende destrinchar as convergências e discrepâncias entre a obra em questão e os preceitos vanguardistas.

Numa abordagem sobre o estilo no cinema independente norte-americano, Thiago da Silva Rabelo e Rosana Maria Ribeiro Borges investigam elementos de mise en scène presentes no filme Sangue Negro (2007), dirigido por Paul Thomas Anderson. O texto Sobre corpos isolados na imagem: A mise en scène no cinema de Paul Thomas Anderson ressalta que o cineasta, a partir de um constante interesse pelos aspectos mínimos da imagem bidimensional, aposta num recorrente jogo de velar e desvelar, em que não apenas corpos e rostos são ocultados e assumidos, mas também representações subjetivas importantes para uma compreensão mais ampla da narrativa. Por sua vez, Cinema de Asserção Pressuposta: Apontamentos sobre construção intencional em dois curtas-metragens brasileiros, de Cristiana Magalhães de Carvalho Azevedo, Potiguara Mendes da Silveira Jr e Marília Xavier de Lima, analisa os curtas-metragens Deus (2016), de Vinícius Silva, e Magalhães (2018), de Lucas Lazarini. Nesta análise, os autores observam o enquadramento da ação subjetiva e listam as qualidades inauguradas sobre a construção da imagem em cada uma das obras, de acordo com as observações da teoria.

Em seguida, o modelo de representação social em voga nos produtos audiovisuais televisivos é discutido em *Silenciamento, visibilidade controlada ou representatividade? Que negro é esse em Guilhermina e Candelário*. O artigo de Renata Barreto Malta, Roseli Pereira Nunes Bastos e Cândida Santos de Oliveira analisa uma animação colombiana exibida no Brasil e salienta que a trama, mais do que problematizar questões raciais, naturaliza os personagens de modo que a sua relevância não se baseia no fato de serem negros. 2 Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. x, p. 0-0, mês 2019. Título do artigo

Décimo terceiro artigo desta edição, *Saída do segundo armário: análise das narrativas autobiográficas de Felipe Mastrandéa* apresenta uma discussão sobre visibilização de temáticas da esfera do privado e do segredo, por meio da análise de narrativas autobiográficas de um vlogger em seu canal no Youtube. O estudo de Robson Evangelista dos Santos Filho e Mariana Ramalho Procópio Xavier objetiva perceber como se dá a construção dessas videografias de si, assim como a saída do chamado segundo armário.

Deslocando as reflexões para o campo do jornalismo, o artigo *Identidade profissional, tribo jornalística e dinâmicas divergentes de produção noticiosa: a narrativa de carreteras secundárias de Bru Rovira* busca compreender os saberes específicos que orientam a produção noticiosa da mídia hegemônica. No texto, os autores, Mauro de Souza Ventura e Tayane Aidar Abib, partem das reportagens do jornalista espanhol Bru Rovira para traçar contrapontos e possibilidades alternativas à dinâmica profissional. Já em *O surgimento da pesquisa em Jornalismo de Dados no Brasil*, Jessica Bazzo, Dalton Lopes Martins e Filipe Augusto Couto Barbosa apresentam uma revisão sistemática de artigos, dissertações e teses sobre Jornalismo de Dados publicados no Brasil. O objetivo é mapear os principais estudos, abordagens, autores, grupos, projetos e instituições articulados em torno do tema.

Também circunscrito na esfera dos estudos sobre jornalismo, *Lugar e tempo: Bento Rodrigues no Lampião*, de Karina Gomes Barbosa e André Luís Carvalho, investiga como se deu a presença de um subdistrito de Mariana (MG) no jornalismo local, antes do rompimento da Barragem do Fundão, em 5 de novembro de 2015, que o devastou, e como tal presença se alterou depois da catástrofe. A partir de análise de conteúdo, os autores trabalham com as variáveis de inferência de espaço e tempo para demarcar presenças e ausências de Bento Rodrigues como lugar, articular as temporalidades engendradas pela cobertura jornalística e refletir sobre as noticiabilidades acionadas para trazer o subdistrito à tona ou interditar sua existência midiática.

Último artigo desta edição, *Poéticas do tempo na obra de João Anzanello Carrascoza: narrativa e estilo em Tempo Justo* aborda as dimensões comunicacionais presentes nas representações poéticas sobre o tempo, encontradas na obra que é objeto deste estudo. Os autores, Míriam Cristina Carlos Silva, João Paulo Hergesel e Isabella Pichiguelli combinam Narratologia, Estilística e estudos contemporâneos

de Comunicação para apontar a premência do poético e do tempo no fortalecimento das investigações envolvendo narrativas midiáticas infantis e juvenis, principalmente na literatura brasileira contemporânea.

Boa leitura!

Comissão Editorial Intexto

Copyright (c) 2020 Comissão Editorial Intexto. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

